

A imagem da morte nas capas de jornais do interior de MG¹

Rodrigo Daniel Levoti Portari²
Marianna Okrongli Putic³

Resumo: Propõe-se um estudo sobre a imagem da morte nas capas de jornais da cidade de Frutal, no interior de Minas Gerais. Parte-se da perspectiva de que a morte é um “valor-notícia fundamental”, como observa Nelson Traquina (2004) e, sendo assim, tem lugar privilegiado nas publicações locais. Dessa forma, faz-se um estudo comparado entre 24 edições dos semanários intitulados “Frutal” e “Pontal”, considerados os de maior circulação no município. Optou-se por um recorte específico nos casos de morte em decorrência da violência urbana, ou seja, quando há uma intenção de uma pessoa em matar a outra, excluindo outras formas de aparição da morte, como por acidentes ou tragédias naturais. Entendemos que as mortes intencionais carregam por si só um peso maior na percepção da sociedade por romper ou provocar uma “quebra” da normalidade do cotidiano de forma mais intensa.

Palavras-Chave: Morte. Violência Urbana. Jornalismo local e regional.

Abstract: We propose a study on the image of death on the covers of newspapers in Frutal city, in Minas Gerais. Part is the perspective that death is a "fundamental value-news", as Nelson Traquina (2004) notes and, thus, has a privileged place in local publications. Thus, it is a comparative study between 24 issues of weekly newspapers titled "Frutal" and "Pontal", considered the largest circulation in the city. We chose a specific cut in deaths due to urban violence, when there is an intention of a person killing another, excluding other forms of appearance of death, such as accidents or natural disasters. We understand that the intentional deaths alone carry a greater weight in the perception of society to break or cause a "breach" of the normality of everyday life more intensely.

Keywords: Death. Urban Violence. Local and regional journalism.

1. Introdução

Noticiar a morte é um expediente utilizado há séculos pelos jornalistas. Desde as primeiras publicações que se tem notícia no mundo, a morte sempre esteve entre os critérios de noticiabilidade utilizados para a produção de notícias, como bem

¹ Trabalho apresentado no GT 1- Mídia e Conflitos, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI.

² Rodrigo Portari, professor do curso de Comunicação Social da UEMG-Frutal. Doutor em Comunicação pela UFMG. Contato: rdportari@gmail.com

³ Marianna Okrongli Putic é aluna do curso de Comunicação Social –Jornalismo do Campus de Frutal da UEMG e bolsista de Iniciação Científica pela Fapemig. Contato: mariannok6@yahoo.com.br

nos mostra Danilo Angrimani (1996), Márcia Franz Amaral (2008), Marialva Barbosa (2013), entre outros.

A relação do homem com a morte também tem sido estudada e pensada há séculos pela filosofia, sociologia e psicologia, por exemplo. A simples menção da palavra “morte”, muitas vezes, é o suficiente para provocar medo ou fazer com que o tom de uma conversa informal mude. A morte, como demonstrado em pesquisa anterior, está enraizada nas bases da sociabilidade humana há séculos. Phillipe Ariès demonstra em *Uma história da Morte no Ocidente* (2010) as mais variadas formas de relacionar-se com a morte registrada nas sociedades ao longo dos séculos. O autor, assim como Johan Huizinga (2009) e Michel Foucault, destacam que na Idade Média a morte se fazia presente junto à sociedade parisiense por meio do Cemitério dos Inocentes, localizado no coração da capital francesa onde corpos em decomposição eram expostos no local para lembrar a todos da finitude da vida e da matéria. Lá também estavam instalados os Painéis da Dança Macabra, onde era demonstrado que a morte chegava para todos os vivos, independente se eram mulheres, crianças, homens, ricos ou pobres.

Porém, como destaca Ariès e, posteriormente, Maffesoli (2009), em nome de uma “assepsia social” e, principalmente por questões sanitárias, a morte começa a ser excluída da convivência dos vivos. Os cemitérios são levados para os arredores das cidades e o leito de morte é substituído. Não é mais em casa, em sua cama e cercado de amigos e parentes que se dá o último suspiro: é nos hospitais, longe dos olhos de todos, como bem assinala Michel de Certeau (1998).

Mesmo com a tentativa de afastar os mortos da sociedade, ela nunca deixou de estar presente em conversas e, em especial, no jornalismo. Assim, ao mesmo tempo em que se tenta afastar o tema das conversas, os jornais o inserem rotineiramente no contexto da sociedade por meio de suas narrativas: na França se dava pelos *canards*, na Inglaterra, na chamada *penny press* e, no Brasil, nos folhetins que eram distribuídos ou mesmo colados nos postes. Em comum, essas publicações têm a preocupação em dar conta de fenômenos extraordinários, como a passagem de cometas, despachos oficiais e, principalmente, relatar as mortes ocorridas, fossem elas violentas ou não.

No Brasil, a inserção dos crimes e sensações no âmbito do impresso se dá, principalmente, para conquistar um público cada vez maior. Assim, crimes

hediondos, incêndios, catástrofes entre outros acontecimentos extraordinários passam a fazer parte das narrativas jornalísticas.

Relatos pormenorizados de crimes violentos que mostravam dualidades eram narrativas privilegiadas. Casos como o de um velho indefeso que foi assassinado brutalmente por criminosos sem coração. Notícias sobre as pequenas infelizes que sofriam maus-tratos dos pais. Violências cotidianas de todas as ordens produzindo um mundo que, por contraponto, era mais infeliz do que as tramas vividas diariamente por muitos dos leitores daqueles periódicos. Havia um mundo do leitor presente naqueles textos. (BARBOSA, 2013, p. 199).

Dessa forma, os leitores se identificavam com as narrativas jornalísticas, relacionavam os acontecimentos do impresso com sua vida cotidiana, sabiam dos casos ocorridos com pessoas que eram parecidas com eles próprios, provocando uma identificação entre leitor e personagem dos fatos narrados. Na atualidade, os jornais que seguem essa tendência foram chamados em um primeiro momento de *sensacionalistas*, que teve como ícone o extinto *Notícias Populares*, e, mais recentemente, compete principalmente aos jornais chamados de “populares” se ocuparem mais dos relatos de violência e morte, ficando o noticiário de economia ou política, por exemplo, a cargo dos jornais de “referência”.

Nelson Traquina (2004) afirma que a morte carrega um valor-notícia primordial e que, se há morte no fato, ele certamente será notícia, e como foi apontado em PORTARI (2013), o jornalismo popular adota essa filosofia de privilegiar a morte em detrimento de quaisquer outros assuntos. O estudo desses critérios ou mesmo a aplicação desses conceitos são, normalmente, realizados em órgãos de imprensa e empresas de comunicação de grande porte e diárias por conta de sua maior abrangência e potencial de atingir ao público.

Porém, no presente artigo, propomos um deslocamento desse olhar para a chamada imprensa local ou regional. Ao contrário de grandes potências de comunicação, tal como *Rede Globo*, *Folha de S.Paulo* ou mesmo os populares *Super Notícia* ou *Aqui!*, os jornais sediados no interior do país têm sua abrangência limitada a poucos milhares de leitores, muitas vezes não contam com grande equipes de reportagem e sua circulação nem sempre é diária. Mas, da mesma forma que as grandes corporações, são gozadas de credibilidade nos locais que circulam e compete a eles registrar a história das regiões onde estão. O fato de estarem próximo a seus leitores faz

com que a reconfiguração de mundo daqueles que o leem tenha tão ou mais importância do que um grande jornal que circule nessa mesma região.

Para fins de análise, escolhemos o jornalismo impresso no município de Frutal-MG, situado na região conhecida como Triângulo Mineiro e que conta, atualmente, com aproximadamente 56 mil habitantes conforme dados do IBGE. Nesse deslocamento, vamos observar como se dá a relação entre a mídia impressa e a morte, em especial a morte intencional, onde uma pessoa tem o intento de acabar com a vida de outra, tomando como ponto de partida as duas principais publicações em circulação na cidade: o Jornal Pontal, que tem 24 anos de existência e que ao longo dos anos deslocou sua principal preocupação da política para a editoria de polícia; e o Jornal de Frutal, seu principal concorrente com 20 anos de circulação e que, desde seu primeiro número, apresentava um perfil mais popular, com grande apelo à cobertura de notícias envolvendo crimes, mortes, entre outros fatos policiais.

2. O perfil do jornal Pontal

O Jornal Pontal foi fundado oficialmente em Frutal no dia 1 de julho de 1990 pelo jornalista Sérgio Carlos Portari. Antes de lançar o semanário, atuava como editor-chefe do “Jornal Esquema”, que teve uma sobrevivência de aproximadamente 6 meses após a saída do jornalista.

O histórico do Jornal Pontal é marcado por diversas fases e marcos históricos. Com tiragem inicial de 5 mil exemplares, após o encerramento das atividades do “Esquema” permaneceu como único órgão de imprensa impresso da cidade até 1995, quando surgiu o seu principal concorrente, o jornal “de Frutal”, fundado pela jornalista Mônica Alves, ex-redatora do Pontal.

Coube ao Pontal ser o pioneiro na impressão de jornal a cores no município, fato ocorrido em 1996, e também o primeiro a abrir escritórios em cidades consideradas estratégicas no Baixo Vale do Rio Grande, região pela qual o Pontal circulava. Assim, além da sede Frutal, havia sucursais em Campina Verde, Itapagipe, São Francisco de Sales, Prata e Iturama, oferecendo a seus leitores notícias de aproximadamente 12 municípios.

Pode-se dividir a história do Jornal Pontal em três fases: a primeira vai de 1990 até o ano de 2000, ano da morte de seu fundador por questões de saúde. Nesse período, o principal enfoque da cobertura jornalística era a política e notícias de violência ou morte só apareciam quando se tratava de pessoas “notáveis” da cidade. A cobertura policial ou de violência urbana era relegada a um segundo plano, com raras as vezes que ganhava destaque como manchete principal do semanário. Nessa primeira década destacam-se três fatos: o registro do primeiro sequestro da cidade, quando um adolescente filho de um grande agropecuarista ficou sob cárcere por cerca de 15 dias até que seu cativo foi descoberto e os sequestradores, presos; o assalto a agências bancárias na cidade de Campina Verde que culminou em uma grande perseguição policial por vários dias, com parte da quadrilha morta dentro de um quarto de motel; e o assassinato de um produtor rural cometido por sua esposa e filhas em busca da herança e dinheiro do seguro, caso que mobilizou a comunidade frutalense e que até hoje é considerado o julgamento mais longo da história do Poder Judiciário local.

A segunda fase da história do Jornal Pontal vai de abril de 2000 a janeiro de 2007, período em que o jornal passou a ser editado e administrado pelos descendentes de Sérgio Portari. Foi ano de 2002 que o enfoque principal do jornal começa a sofrer mudanças, com o noticiário político perdendo espaço para notícias de violência ou morte. A mudança de comportamento do semanário se deu principalmente em razão da queda nas vendas de anúncios publicitários e assinaturas: o noticiário político começou a perder o interesse ao passo que a curiosidade pelos crimes aumentou. Some-se a isso o fato do município não contar até o presente momento com transmissão de TV local, fazendo com que o jornal impresso seja um dos poucos meios⁴ de acesso a imagem dos fatos policiais pela população.

O semanário encontra-se no que podemos dizer de terceira fase de sua existência. Desde fevereiro de 2007 a administração do jornal passou para a Organização Franco Brito de Comunicação, empresa que detém uma concessão de rádio desde o ano 1989 na cidade e, com planos de aumentar a sua participação no mercado

⁴ Mesmo com a ampliação do acesso à Internet por parte da população e a existência de sites ou blogs noticiosos na cidade, o meio impresso ainda continua gozando de credibilidade no município de Frutal, especialmente no que tange à cobertura policial. Assim, fotos de vítimas da violência urbana ou mesmo de locais de crimes e acidentes são procurados semanalmente pelos leitores para se situarem das imagens desses acontecimentos.

de mídia da cidade, comprou os direitos de nome do Jornal Pontal da família de seu fundador. Além da reformulação gráfica e aumento no número de páginas coloridas semanais, o jornal segue atualmente o mesmo padrão editorial de quando foi vendido: o noticiário policial foi reforçado com mais repórteres atuando na cidade em busca de informações e imagens sobre os mais variados fatos, sendo que a publicação tem especial interesse nos fatos que envolvam a morte, seja ela intencional ou não.

2.1 – O Jornal de Frutal

O Jornal de Frutal tem suas origens no ano de 1995 em decorrência de um desentendimento político entre o então prefeito da época, Antônio Heitor de Queiroz e o jornalista Sérgio Carlos Portari, proprietário do Jornal Pontal.

Conforme é apontado em ARAÚJO et. Al. (2012), após esse desentendimento a jornalista Mônica Alves, então redatora do Jornal Pontal, foi convidada a fundar um novo semanário da cidade para concorrer diretamente com o Jornal Pontal. E nesse, sentido, seus primeiros anos de funcionamento foram extremamente imbricados com o Poder Público municipal, com distribuição gratuita graças a um bom contrato financeiro estabelecido entre a nova empresa e o Executivo local.

A publicação se manteve gratuita e com tiragem de cerca de 10 mil exemplares semanais até o ano de 2000, quando passou a ser vendida em ruas e bancas, cobrar pela assinatura e adotar as cores em sua capa e contracapa, além da capa e contracapa de seu segundo caderno.

Da mesma forma que inicialmente se dedicava principalmente ao noticiário político, ao adotar seu novo formato, ingressar com a cobrança de exemplares e se desvincular dos contratos firmados com o poder público, o Jornal de Frutal passou também a privilegiar o noticiário policial em suas capas. Assim, num movimento parecido com o do Jornal Pontal, homicídios, roubos, estupros, tráfico, prisões, apreensões e toda outra sorte de notícias relacionadas ao meio policial passaram a ser privilegiadas em suas primeiras páginas, o que leva também a uma mudança no perfil editorial, assemelhando-se aos jornais ditos populares. É esse o formato que prevalece

até o momento, sendo esta a principal publicação que concorre comercialmente com o Jornal Pontal em busca de leitores no município.

3. A morte no jornalismo impresso

Morte e jornalismo andam lado a lado desde há muito, como já apontamos anteriormente. Desde o surgimento dos primeiros panfletos, passando pelos *canards*, *peny press* e, mais recentemente, os jornais sensacionalistas e populares, há uma predileção pela morte no noticiário. Esse fenômeno, tão frequentemente observado em jornais de circulação diária, parece ter também se alastrado para as pequenas empresas de comunicação impressa, especialmente nos jornais do interior do país.

Esse movimento, no entanto, parece não ter ocorrido de forma imediata, provavelmente fruto de diversos fatores, entre eles, número reduzido de população e leitores, menor poder econômico das publicações para manter grandes equipes de reportagem e, especialmente, o interesse do público-alvo pelo noticiário local. Mesmo com a expansão da Internet e a ampla difusão dos canais televisivos, cidades menores que não contam com sucursais ou escritórios das grandes emissoras ainda dependem, diretamente, do jornalismo impresso para ter acesso a imagens dos acontecimentos que os cercam. Esse fator tem sido observado e apresentado como justificativa por parte de editores para privilegiar assuntos relacionados à violência e morte em suas primeiras páginas. Porém, essa realidade nem sempre se deu dessa forma, como podemos observar em análises realizadas nos arquivos dos objetos dessa pesquisa.

No caso do município de Frutal, o jornalismo local parece estar hoje mais interessado nas mortes, em suas dinâmicas e desdobramentos a partir dela, em especial, a originada por atos de violência, como homicídios. É o que podemos notar em uma breve análise nas capas do Jornal Pontal, considerado um dos principais meios de comunicação impressa da cidade na atualidade.

Em 24 edições que circularam entre a primeira semana de janeiro até a última semana de junho, a morte é noticiada em 39 manchetes em sua capa. Desse total, 17 delas se referem diretamente a homicídios, enquanto 15 manchetes são de mortes provocadas por “tragédias” – em especial acidentes com vítimas fatais nas rodovias que

passam pelo município –, em uma ocasião trata-se da morte de um “notável” (a escritora local Magnólia Rosa, morta aos 94 anos por complicações em sua saúde) e em outras seis oportunidades temos a tentativa de homicídio como tema do noticiário.

Figura 1: Capas do Jornal Pontal



Um olhar rápido para as capas exibidas na Figura 2 permitem identificar alguns aspectos da publicação: a impressão a cores; o uso de fotos (de local, autor, vítima) e a linguagem centrada no fato e não em seus efeitos (Ex: “**homem** mata outro por causa de algo”).

Chama-nos a atenção o enfoque privilegiado às mortes violentas constatadas no período analisado. Em PORTARI (2013), foi apontado que a atração do homem pela morte diante do desconhecido que se é o ato de “morrer”. Não se sabe, a não ser por suposições religiosas ou culturais, o que e espera após o fim da vida. Assim, mesmo diante da certeza da finitude da vida, o que acontece depois está apenas no plano da imaginação.

Nesse sentido, apesar do temor do assunto morte ser natural e presente em várias das culturas ocidentais, ela se faz cada vez mais presente no cotidiano dos leitores. O jornal impresso, como dispositivo midiático de construção de narrativas, onde há uma estruturação de sentidos e uma ordenação para se compreender a realidade social, insere a informação da morte na experiência dos leitores, provocando um movimento contrário ao afastamento, como é destacado por diversos autores já citados anteriormente.

Observando especificamente o caso do Jornal Pontal, vê-se que o noticiário privilegia, em suas manchetes, o verbo “morrer” e o substantivo “morte”, explicitando a intenção da publicação na inserção desse vocabulário no cotidiano de seus leitores. O Pontal, para além das três capas apresentadas na Figura 2, apresenta outras manchetes tais como: “Caminhão explode e mata frutalense” (ed.361); “Jovem desaparecido morre no Rio Grande” e “Lavrador é encontrado morto” (ed.362); “Jovem morre afogado ao brincar no Rio Grande” (ed.363); “Menor mata homem em frente de casa na Vila” (ed.364); “Polícia desvenda todos os passos da morte de Claitinho” (ed.366); por exemplo.

Caminho semelhante ao do Pontal segue o jornal De Frutal ao tratar da morte. No mesmo período analisado, que compreende o primeiro semestre do ano de 2014, as manchetes de homicídio em suas capas figuraram por 11 vezes em suas capas (mesmo número de homicídios ocorrido no município durante o período), sendo que a morte ainda é notícia em outras 7 manchetes relativas a mortes em virtude de acidentes. Em suas primeiras páginas há ainda o espaço para a morte das “celebridades” locais, no caso, a escritora Magnólia Rosa e de Cecy Terezinha Maia, fundadora da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) no município. No que tange ao uso de imagens, há um privilégio pelas imagens de vítimas e autores, sendo que raramente a publicação apresenta imagens dos locais onde os crimes ocorreram, como pode ser verificado nas imagens a seguir:

Figura 2: Capas do Jornal de Frutal



É perceptível a diferença a forma como a morte violenta é apresentada aos leitores do jornal. As capas, multicoloridas e com cerca de um quarto tomada por anúncio, apresentam um espaço menor para a publicação de suas manchetes. No entanto, sempre que há violência, ela é assunto principal da publicação, porém, com a preocupação de buscar uma “personalização” do fato, ou seja, sempre que os crimes acontecem o jornal privilegia as imagens de autores ou vítimas, como uma forma de tentar estabelecer uma aproximação diferente de seus leitores com o elemento morte. Se no caso do Pontal há a preferência pela foto de ação, que contenha o que é chamado de “embrião narrativo”, o jornal De Frutal relata as mortes de forma menos intensa por meio de suas imagens e também no texto. Além das manchetes acima exibidas, em outras oportunidades a morte é apresentada em manchetes como: “Homem é assassinado com dez tiros na Vila” (ed. 946); “Frutal registra 11º homicídio de 2014” (ed.948); “Cravo é assassinado a tiros em sua casa” (ed.957); “Comerciante é morte com tiro desferido por policial” (ed.940); “Polícia Civil desvenda o assassinato de Claitinho” (ed. 927); “Homem é assassinado em assalto próximo ao Náutico” (ed. 934); entre outros.

Interessante observar que quando se trata da violência urbana, as manchetes da publicação raramente carregam o verbo morrer, ocupando-se também, prioritariamente, da dinâmica do evento que resultou na morte e com uso de vocabulário mais comedido. O verbo morrer é apresentado, essencialmente, em notícias sobre acidentes e tragédias, como “Frutalense morre em acidente no trecho da BR-153 de Goiás” (ed. 938); “Jovem morre ao capotar veículo voltando de festa” (ed. 933) ou “Jovem morre ao capotar caminhonete na Av. JK” (ed. 945). Quando a morte é apresentada sob o viés do acaso, da tragédia, a publicação traz fotos dos locais dos fatos, ilustrando suas manchetes com carros capotados ou totalmente destruídos por conta das colisões nas rodovias.

Tanto no noticiário de mortes intencionais como as não-intencionais, a tentativa de personalização dos fatos prevalece, sendo esse um ponto de encontro entre as duas publicações que parecem reforçar o que já dizia Nelson Traquina (2002, p.65): todos nós seremos notícia no dia de nossas mortes, especialmente se essa morte vier agregada de outro valor-notícia de impacto para cidades de pequeno porte como Frutal, como é o caso do rompimento da normalidade provocado pelos homicídios.

Ao noticiar esses fatos, os jornais agem como disseminadores de imagens sobre a morte, “que povoam nossa memória, nossas vidas e culturas, e estão sujeitas a cristalizações ou deslocamentos pela ação da cobertura midiática” (VOGEL; SILVA, 2013, p.169). Desta forma, tanto o Frutal quanto o Pontal, cada um à sua maneira, traz aos leitores um conhecimento compartilhado que desperta todo o repertório cultural, ideológico ou religioso de suas concepções sobre a morte, transformando-a numa figura, numa imagem que pode ser visualizada mesmo que mentalmente, tal como VOGEL e SILVA (2013) propõem ao analisar a presença da morte nas capas de um grande jornal diário. Para elas, essas chamadas atuam como “pontos luminosos” que:

Compõem uma figuração de imagens de morte que transitam no universo comum compartilhado pelos que produzem e pelos que consomem notícias; ou seja, uma das figurações (estruturadas e estruturantes, diria Pierre Bordieu) de uma comunidade. Por isso o ingresso da imagem como conceito operacional. Ele designa não apenas as imagens visuais, como também as formas verbais que operam como imagens em nossa memória. (VOGEL; SILVA, 2013, p.172)

A morte é objetivada, relatada friamente como causa e consequência, o suficiente para que cada leitor faça a sua apropriação dela de acordo com as suas concepções. No entanto, a presença da fotografia nas capas dos jornais age de forma sutil e significativa ao transmitir essa notícia, permitindo guiar o olhar e a interpretação desse leitor: a morte ocorreu naquele espaço, com aquela pessoa com aquelas características físicas específicas e o resultado final foi aquele que está sendo publicado pela capa. Temos um movimento semelhante ao que HUIZINGA (2010) observa na Idade Média, quando a morte passa a se manifestar também na forma de imagens e não mais apenas como textos.

Toda a meditação sobre a morte feita pelos religiosos dos tempos antigos condensava-se agora numa imagem superficial, primitiva, popular e lapidar, e sob essa forma, em palavras e figuras, a ideia foi apresentada às massas. Essa imagem da morte foi capaz de assimilar somente um elemento do grande número de concepções relacionadas à morte: a noção de perecibilidade. É como se o espírito do final d Idade Média não pudesse enxergar a morte sob outro aspecto além do da deterioração. (HUIZINGA, 210, p. 221)

Com a presença das fotografias, a morte relatada no contexto atual no município de Frutal planifica a sua presença, estabelece limites físicos (o

enquadramento da imagem), geográficos (uma rua ou bairro específico), limites de personagem (são aqueles que ali estão os responsáveis por matar/morrer) e conduz de forma diferenciada o relato ofertado a seus leitores, apresentando o assunto com mais ênfase, reforçando *status* do jornal como um operador sócio simbólico da vida social, como afirma Maurice Mouillaud (2002).

4. Considerações finais

Partindo do pressuposto de que o relato de notícias por parte do jornalismo faz parte de um trabalho que, conforme Elizabeth Bird e Robert Dardene (1993, p.266, 276, *apud* VOGEL e SILVA, 2013, p.181) consiste em “proporcionar às pessoas mais do que fatos e informações objetivas” para que seja possível apresentar “um esquema para perspectivarem o mundo e viverem a sua vida”, oferecendo “tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias e partilhadas”, as manchetes apresentadas pelas duas publicações apresentadas parecem reforçar o estímulo da partilha de conhecimentos da realidade social onde estão inseridos os seus leitores.

Assumindo essa perspectiva, e retomando a noção do jornal enquanto o conceito de dispositivo, que abarca processos tecnológicos, operacionais, semióticos, linhas de força e de fuga que marcam os produtos midiáticos (LEAL, 2012, p.3), entendemos que a mídia impressa carrega pelo menos três faces que se articulam diretamente: a relacional (por relacionar as notícias atuais com as anteriores, por ter uma forma previamente preparada e por construir o seu discurso edição após edição); interlocutiva (por colocar em cena diversos interlocutores como o leitor, a fonte, a própria mídia, entre outros); e contratual (por ser de natureza informativa e responder a essa expectativa prévia do leitor que se dispõe a adquiri-lo para leitura).

Com essas características, tanto o jornal de Frutal como Pontal, cada um a seu modo, colocam seus leitores diante da morte, compartilhando com eles esse conteúdo e mais que isso, propondo formas de apreensão de sentido e de interpretação da realidade social que os cercam. Em apenas 6 meses, o jornal Pontal nos trouxe 17 notícias de assassinatos, todos eles em decorrência de brigas ou desavenças e com o conteúdo ainda na ponta inicial do fato: o relato da morte ocorrida nos dias anteriores

àquela edição. O jornal de Frutal apresentou 11 notícias com a mesma temática. Depois disso, não se verifica um acompanhamento das investigações e possíveis desdobramentos dos casos, salvo uma única exceção do crime conhecido como “Caso Claitinho” que foi manchete principal em três edições aleatórias do jornal Pontal até que todos os envolvidos no homicídio fossem identificados e presos pela Polícia Civil, ao passo que seu concorrente, nas edições subsequentes, não se ocupou prioritariamente do caso, preferindo noticiar a morte de uma só vez, com sua causa e desdobramentos que resultaram na prisão dos envolvidos.

A partir dessas observações, pode-se inferir que os leitores frutalense têm, por meio da mídia, um imaginário sobre a morte que parece se esgotar em si mesmo: a morte acontece em determinado dia, é noticiada e apresentada sob forma de imagens de locais ou pessoas envolvidas e, ao mesmo tempo, se esgota naquela publicação. A afetação do assunto morte é volátil e se esgota em uma semana, prazo suficiente para que a próxima edição seja colocada nas ruas. É como aquele fato registrado simplesmente resolvesse por si mesmo e os jornais, juntos, dissessem a seus leitores: “não há mais o que fazer, já que o crime aconteceu”. Mesmo não incentivando discussões mais aprofundadas sobre o assunto para seus leitores – já que os textos que acompanham as fotografias assumem praticamente a função de contextualização do ocorrido, sem se preocupar com maiores discussões – a inserção do tema pode também servir para um ponto de reflexão para os leitores. Nesse ritmo acelerado de vida, aonde a informação chega a todo e qualquer instante para quem quiser recebe-la (seja por telefone, tablete, computador, etc.), a morte – ou a notícia dela – apresenta-se como uma oportunidade de tornar o instante mais lento, convidando a uma reflexão sobre a sua presença e as formas como ela se apresenta, como observa Michel Maffesoli (2003).

Com esse noticiário sobre a morte, os jornais parecem recolocar o homem diante de um de seus mais antigos dilemas que é o de saber o que acontece após a morte. Assim, a notícia sobre a morte, para Márcia Benneti (2013, p.153) está no rol dos assuntos capazes de levar o homem ao encontro de sua humanidade por ser um “evento fascinante”. E essas experiências, cada vez mais, se tornam mais intensas para os leitores de jornalismo impresso da cidade de Frutal, uma vez que, semanalmente, tanto Pontal como De Frutal fazem questão de inserir o tema no cotidiano de seus leitores, tal como o fazem diariamente os jornais populares no país.

Referências

ARAÚJO JUNIOR, Antonio; GUILHERME, Clarissa; et. Al. **A história da imprensa em Frutal: um passado ainda presente**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte para graduação em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais – Campus de Frutal: Frutal, 2012.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BENETTI, Márcia. **Apropriação discursiva da morte pelo leitor**. In: MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (orgs.). **Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte**. Vol.3. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Moema: Editora Zouk, 2003.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. **Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte**. Vol 3. Florianópolis: Insular 2012.

PORTARI, Rodrigo. **A construção da violência nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Agora São Paulo**. Dissertação de mestrado defendida junto ao PPG-Com da UNESP-Bauru. Bauru, SP: Julho de 2008.

PORTARI, Rodrigo; VAZ, Paulo B. Artigo apresentado ao GT de Imaginários Midiáticos durante o XVII Encontro anual da Compós. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2012.

VOGEL, Deise; SILVA, Gislene. **Imagens da morte na Primeira Página**. In: MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (orgs.). **Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte**. Vol.3. Florianópolis: Editora Insular, 2013.